

## CONTRIBUIÇÃO DO DIALETO NAPOLITANO AO ITALIANO MODERNO

G. D. Leoni

Em alguns ensaios (1) já reuni vários material acerca da contribuição dos dialetos ao italiano moderno: o estudo desse fenômeno é interessante, porque — sem querer entrar no complicado e às vezes pouco claro problema da formação da língua — interessa notar como, desde do início do século, muitos vocábulos dialetais, quando na forma não contrastam com a tradição lingüística, entraram no falar quotidiano: a razão é lógica, pois tais palavras contêm um particularíssimo sabor e uma agradável eficácia que nem sempre podemos encontrar nas correspondentes palavras literárias.

Eis aqui novo material que vou escolhendo do meu vasto fichário, que reúne vocábulos de origem napolitana: são mais ou menos cinqüenta palavras que cada pessoa de outra região compreende perfeitamente. Vamos começar com o conhecido *scugnizzo* (que os estudiosos fazem derivar de *scognare*, isto é, “arranhar”: propriamente um moleque que arranha com o seu pião o do companheiro) no sentido do característico guri, que todos admiram nas ruas de Nápoles, menino vivo, arguto, astucioso e insolente. Muito conhecido é também *gua-gliione* (talvez voz onomatopaica dos meninos: *gua...gua*) que indica “moço, rapaz, jovenzinho”: às vezes tem, mas impropramente, um sentido vulgar. Nápoles foi, durante mui-

---

(10) “Saggio sul contributo dei dialetti all'italiano moderno” in *Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae” da PUCSP*, 1961-62, págs. 150-157; — “Secondo saggio sul contributo dei dialetti all'italiano moderno” in *Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae” da PUCSP*, 1962-63, págs. 91-99. — “Appunti per uno studio delle influenze del portoghese sui dialetti italiani a São Paulo del Brasile” in *Orbis — Bulletin international de documentation linguistique*, Louvain, tome XIII, n.º 1, 1963, págs. 212-20.

to tempo, lembrada como centro da *malavita*, termo usado de modo geral por *camorra* (de *morra*, gregi), associação organizada de *camorristi*, “malandros, salteadores, bandidos”: sob este aspecto são usados também *barabba* (nome do ladrão que Pilatos libertou em troca de Jesus), *teppista* (mais propriamente vocábulo milanês, de *teppa*, musgo), *bulo* (do alto alemão *bule*, íntimo amigo) ou *bravaccio* (talvez do latim *pravus*, “indômito, arrogante”). Sinônimo de *camorra* é também *guapparia*, do espanhol *guapo*, “valentão”. Ficando no ambiente, devem ser lembrados *trastola* (do latim *trasto*, “assento dos remadores?”), “armadilha, engano, fraude”; *scippo* (propriamente rasgo, de *scippare*, talvez onomatopaico, “arrancar”), “roubo com destreza”; *sfregio*, “golpe de navalha, ofensa produzida no rosto, por vingança amorosa”; *zompata*, “duelo com navalha entre *camorristi*” (*si zompa*, pula-se ao lado para esquivar o golpe do inimigo); *fattura* (do latim *factura*), “feitiço, sortilégio, bruxaria”; a já bem conhecida *bustarella*, benefício segredo, fechado em envelope, para obter um favor ilícito (é um pouco maior do nosso jeito...); e *ammoína*, termo marinhesco no sentido de confusão, amiúde usado, mas erradamente, por “revolta, rebelião”; afinal, o nosso “conto do vigário”, que em napolitano é *scartiloffio* (da *scar-toffia*, “papelada?”).

Para não entender demais, vamos para a cozinha, onde encontramos as famosas *vóngole*, variante de *góngole* (do latim *conchula*, diminutivo de “concha”, concha), mariscos; a não menos afamada *mozzarella* (melhor: *muzzarella*), queijo fresco não fermentado, moçarela; o *calzone* (na forma de calça), pizza recheada com moçarela ou fritada recheada; a *pastetta*, massa para bolinho (a milanese “torta”), palavra que é mais usada no sentido de logro, subterfúgio, ardil; os *strufoli*, massa frita no mel; e o tomate, que é mundialmente conhecido como *pommarola*.

O caracol é *maruzza* (e *maruzzaro* é o vendedor de caracóis cozidos); o *ciuccio* (com o diminutivo *ciucciariello*) é o burro (voz onomatopaica, de *ciu-ci*, provavelmente do som do zurro). *Acquaiola* é a mulher que vende água ou bebidas nas ruas; como *posteggiatore* é o músico ambulante. Também Dante Alighieri na sua “Comédia” (Inferno, XXII, 10) lembra a gaita de fole com o nome napolitano de *ciaramella* (“né giá con sí diversa cennamella”: do latim *calamellus*, diminutivo de *calamus*, através do antigo francês *chalemel*), seguido por Giovanni Pascoli numa sua linda poesia (“udii tra il sonno

le ciaramelle”): quem toca esse instrumento é chamado *ciaramellaio*. Interessante e característico é o *putipù*, instrumento musical de acompanhamento, formado por um tambor furado no meio; e no meio há um pau, que é esfregado pela mão (a mesma palavra indica também o barulho provocado percutindo uma panela: é o toscano “sonar la pentolaccia”).

O advogado é mais conhecido com o nome de *paghietta*, pois antigamente ele usava o chapéu preto de palha; e *sciassa* é o vestido masculino com fraldas. Característica é a *carrozzella* (melhor: *carruzzella*), a carruagem de praça, a romana “botticella”. *Passaggio* — explica Salvatore Di Giacomo, afamado poeta napolitano — é “a pequena ousadia para com uma mulher”: *struscio* (do latim *extrusus*) é o estrépito dos pés (especialmente durante a visita aos Sagrados Túmulos na quinta e sexta-feira santa); *sfizio* é o divertimento, a recreação, como capricho de criança é *'nziria*; *periódica* é uma pequena festa, em tempo indeterminado; *cerógena* é a vela esteárica; e a *accoppatura* é aquilo que se acrescenta em cima (*coppa*) nas embalagens.

Quatro verbos bem napolitanos: *pazzire*, “brincar”; *scocciare* (e *scocciatura*, *scocciatore*), “amolar, aborrecer”; *sfruculiare*, “estimular, picar, ridicularizar”; e *pittare*, geralmente usado nas regiões meridionais da Itália para *dipingere*, “pintar”.

Na casa, *vanella* (de *vano*, quarto) é o quintal fechado, divisão entre edifícios: na Sicília *vanedda* é o beco, a viela. Na pavimentação napolitana usam-se em grande parte as pedras vesuvianas, chamadas *basoli* (na realidade: *vásula*), formando o assim chamado *basolato*.

É interessante um grupo de adjetivos usados para indicar características pessoais: *scombinato* é “inconcludente, desatinado”; *bevuto*, “bêbado, embriagado”; *ammosciato*, “enfadado, aborrecido”; *ciancioso* (ou *ciancioso*), “gracioso, mimoso, formoso”; *fetente*, “fétido, vil, corrupto, obsceno, bobo, ridículo, abjeto”. Assim, *farinello* é “nêscio, fátuo, vaidoso, galante”; muito usado é *sbruffone* (com a relativa *sbruffonata*) por “fanfarrão, faroleiro, garganta” (e fanfarrice, bravata). Ainda mais usado é *dispiaciuto* no sentido de *dispiacente*, “desgostoso, pesaroso”.

Não será inútil acrescentar, e para finalizar, algumas palavras ou formas fraseológicas que entraram no uso comum: por exemplo, *mannaggia*, seja maldito, que deriva de “male n’aggia”; *passa’a vacca*, miséria, não ter vintém; *passare ’nu guaio*, estar em perigo; *státeve buono!*, exclamação para dizer “chega!”; *faccia ’e cuorno* por cara que atrai bofetada (“faccia da schiaffi”); e a tradicional *far la scarpetta*, “limpar o prato com um pedacinho de pão”... Nem deve ser esquecido que para os napolitanos — como em geral nas várias regiões da Itália meridional, onde no passado houve muita emigração — qualquer emigrante que volte para a sua aldeia é o *americano* (ou, melhor, *mericano*).